Que o senhor Lucarda é estranho, Tomás e Lúcia não têm mais dúvidas. Vizinho das crianças, ele é uma figura muito esquisita: anda sempre de preto, não conversa com ninguém e tem um olhar tão penetrante que parece adivinhar o pensamento das pessoas.

E mais: em sua casa, o senhor Lucarda tem um caixão... Está na cara que ele é um vampiro! Será que Tomás e Lúcia terão coragem de desmascará-lo?

Os dois ainda vão ter muitas — e arrepiantes — surpresas pela frente.

172158
ISBN 978-85-418-1206-1
9 788541 812061

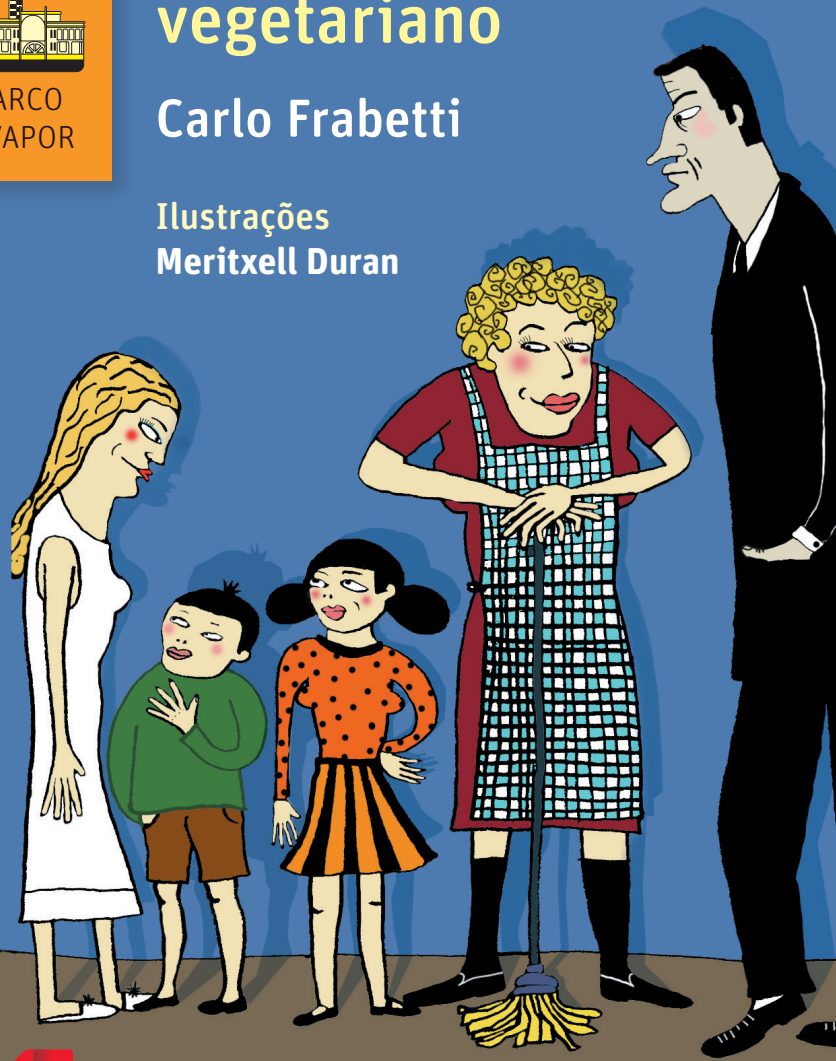
O VAMPIRO VEGETARIANO • CARLO FRABETTI

BARCO A VAPOR

O vampiro vegetariano

Carlo Frabetti

Ilustrações
Meritxell Duran



Tradução
Heitor Ferraz Mello

O vampiro vegetariano

Título original em espanhol: *El vampiro vegetariano*
© Carlo Frabetti, 2001
© Ediciones SM, 2001
Joaquín Turina, 39 — 28044 Madrid

Coordenação editorial: Cláudia Ribeiro Mesquita
Preparação: Baby Siqueira Abrão
Revisão: Carla Mello Moreira e Marcia Menin

Edição de arte: Natalia Zapella
Produção industrial: Alexander Maeda
Impressão: Completar

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Frabetti, Carlo
O vampiro vegetariano / Carlo Frabetti; ilustrações Meritxell Duran ; tradução Heitor Ferraz Mello. — 2. ed. — São Paulo: Edições SM, 2015. — (Barco a Vapor. Série Azul)

Título original: El vampiro vegetariano
ISBN: 978-85-418-1206-1

1. Ficção - Literatura infantojuvenil
I. Duran, Meritxell. II. Título. III. Série.

15-09213 CDD-028.5

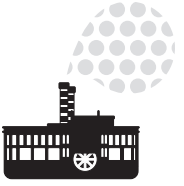
Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura infantil 028.5
2. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5

Grafia conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

1ª edição brasileira 2004
2ª edição 2015
Xª impressão 2019

Todos os direitos reservados a
EDIÇÕES SM
Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55
Água Branca 05036-120 São Paulo SP Brasil
Tel. (11) 2111-7400
www.edicoessm.com.br



BARCO
A VAPOR

O vampiro vegetariano

Carlo Frabetti

Ilustrações
Meritxell Duran

Tradução
Heitor Ferraz Mello

sm

Para minha mãe,
que conserva a juventude
sem precisar morder ninguém

1

— Isto é um insulto, um abuso! — gritou Tomás. — Você não pode cuidar de mim, somos da mesma idade!

— Sou maior que você — respondeu Lúcia, tranquilamente.

— Você é só três meses mais velha do que eu! — protestou o menino.

— Mas aprendi muito nesses três meses — disse ela, com um sorriso de satisfação. — Além do mais, nós, meninas, amadurecemos mais cedo.

Os pais de Tomás resolveram sair para jantar na última hora e não encontraram nenhuma babá disponível. Então, pediram a Lúcia, vizinha e amiga, que ficasse com ele para que não acontecesse nenhum desastre (a última vez que o deixaram sozinho, o anjinho quase botou fogo na casa com seu jogo de química).

Tomás tinha acabado de completar dez anos, já se achava um verdadeiro homem e considerava uma humilhação insuportável que o tivessem deixado sob os cuidados de Lúcia.

— Ah, é? Pois eu sou muito maior e muito mais forte do que você — disse o menino, em tom ameaçador. — Você não pode me impedir de fazer o que me der na telha.

— Você não é maior que eu, é só mais gordo — respondeu Lúcia. — E não preciso usar a força para controlar você. Tenho o telefone da casa onde seus pais estão jantando, e eles me disseram que eu poderia chamá-los caso você não se comportasse bem.

— Você não faria isso, não iria dar uma de dedo-duro...

— Não, se você não me obrigar.

Tomás estava a ponto de se atirar no chão, começar a gritar e a espernear, mas percebeu que essa seria a atitude de uma criancinha e, ainda que estivesse furioso, o medo do ridículo era muito maior do que a vontade de explodir. De modo que se conteve e disse:

— Está bem, já que você tem que cuidar de mim, conte-me uma história.

— Você não prefere ver televisão? — perguntou Lúcia, surpresa, pois Tomás era um

telemaníaco furibundo. — Tem permissão para ver até as onze horas.

— Tudo o que vai passar hoje é chato. Prefiro que minha babá me conte uma história — provocou ele.

— Está bem, vou contar.

Lúcia se sentou no sofá da sala, em frente à televisão desligada, e Tomás se refestelou numa poltrona.

— Estou pronto. Pode começar a contar, escrava.

— Era uma vez uma princesa...

— Uma princesa? Você não está pretendendo me contar uma história careta com princesas, fadas e essas baboseiras todas, está?

— Como você pode falar que é careta se ainda não sabe o que vai acontecer, seu patusquela? — Lúcia gostava de usar insultos antigos, aqueles que ela ouvia da boca de sua avó, ainda que não atinasse muito bem com o significado deles.

— Claro que sei o que vai acontecer — respondeu Tomás. — Você vai falar de princesas, mas eu não vou permitir que me conte uma história de menina. Quero uma de terror.

— Tudo bem. Vou contar uma em que você é o protagonista.

— Eu?

— Sim, você... Imagine que você ficou sozinho no mundo, que é o único ser humano na face da Terra...

— Oba, dessa eu gosto! Poderia fazer o que quisesse e tudo seria meu.

— Sim. Você é o único ser humano do mundo e está na sua casa pronto para ir para a cama. Mas, de repente, batem na porta.

— E...? — perguntou Tomás, visivelmente nervoso.

— É só isso.

— Como assim "é só isso"?

— Acabou. É um conto curto.

— Curto? Você quer dizer curtíssimo, supercurtíssimo! Não acontece nada e não dá medo em ninguém — protestou ele.

— Tem certeza de que não dá medo? — respondeu Lúcia, olhando-o fixamente. — Você está sozinho no mundo, não há mais nenhuma outra pessoa em todo o planeta. E, de repente, *alguém bate na porta*.

— Claro que dá medo — reconheceu Tomás, depois de pensar um pouco no assunto. — Ainda bem que é uma situação impossível.

— Do jeito que eu contei, sim — reconheceu Lúcia. — Mas ficar sozinho em casa é

parecido com ficar sozinho no mundo. Imagine que eu não estivesse aqui, que agora mesmo você estivesse sozinho em casa... Porta trancada, nem mesmo seus pais podem entrar se você não abrir... Está em sua casa, tranquilo, e de repente batem na porta...

— Que tolice! São meus pais que voltaram antes do esperado.

— Batem na porta *da sua casa* — frisou ela, com um tom insinuante.

— Aaaaah! — gritou Tomás. — Por que você me assusta? Pensei que fosse minha babá.

— Você não queria uma história de terror?

— Sim — ele teve que admitir —, mas não uma história desse tipo, em que eu sou o protagonista.

— Puxa, é uma pena você não ter gostado, pois eu ia contar outra.

— Conta!

— Você não acabou de dizer que não quer histórias do tipo "eu sou o protagonista"?

— Dá na mesma. Conta!

— Não, porque depois você vai reclamar dizendo que o assusto.

— Não vou reclamar — assegurou Tomás.

— Está bem... Mas antes diga uma coisa: você acredita em fantasmas?

— Claro que não. História de fantasma é uma baboseira que só serve para assustar criancinhas.

— Tudo bem... Você está andando por um beco escuro e, de repente, cruza com um homem, e o homem pergunta: "Você acredita em fantasma?". Você responde: "Não". Então, o homem diz: "Pois eu, sim", e desaparece.

— Que besteira! — comentou Tomás. — Esta, sim, não dá nenhum medo.

— Não? Pense bem: o tal homem desaparece, torna-se invisível de repente, *mas segue ao seu lado, só que agora você não pode vê-lo, está nas mãos dele...*

— Aaaaaah! — gritou novamente Tomás, olhando nervoso para a direita e para a esquerda; mas dessa vez não podia reclamar, já que ele mesmo havia pedido para que Lúcia continuasse.

— Por que você se assusta se é besteira? — perguntou ela, sorrindo maliciosamente.

— Não estou assustado com nada — respondeu Tomás. — Grito só por gritar, assim como se dá risada depois de uma piada: é desse jeito que funciona.

— Em que homem você estava pensando enquanto eu contava a história? — perguntou ela, pouco tempo depois.

— Em qualquer um. Por quê?

— Não chegou a ver a cara dele?

— Não tinha cara.

— Você imaginou um homem sem cara? Isso dá mais medo ainda.

— Não é que eu o imaginei sem cara — explicou ele. — Quando a gente pensa em uma pessoa qualquer, é como um vulto, principalmente se for de noite, em um beco escuro.

— Isso é porque você tem pouca imaginação. Ela está atrofiada de tanto ver televisão. Eu, quando imagino uma pessoa, vejo perfeitamente o rosto — disse Lúcia.

— É mesmo, espertinha? E que cara de homem você estava vendo quando me contava a história?

— A do senhor Lucarda — respondeu Lúcia, sem titubear.

— Aaaaah! — gritou Tomás pela terceira vez. — Que péssima ideia a sua! Agora que eu tinha conseguido me esquecer dele!

O senhor Lucarda era o novo vizinho do térreo. Alto, magro, uns quarenta anos, vivia sozinho, vestia-se sempre com roupa preta e nunca falava com ninguém. Seus olhos escuros e penetrantes pareciam adivinhar o pensamento das pessoas e Tomás estava convencido de que ele era um assassino de crianças.

— Que mariquinhas! — zombou Lúcia. — Como você pode ter medo do pobre coitado do senhor Lucarda?

— Pobre, você disse? Pobre de quem cair nas mãos dele! Se ele tivesse olhado para você como olhou para mim outro dia... Tenho certeza de que é um desses criminosos que fazem unguentos mágicos com a gordura de crianças.

— Claro, e foi por isso que encarou você. Com sua gordura, ele poderia fazer pelo menos cem tachos de unguento.

Sem chegar a ser gordo, Tomás tinha lá alguns quilos de sobra.

— É, você fica rindo de mim, mas vai ver depois o que acontece com quem não toma cuidado — falou o garoto, em tom de advertência. — Ainda bem que ele mora no térreo e não corro o perigo de esbarrar com esse chupóptero no elevador... Não quero pensar mais nisso. Vou tentar me distrair comendo alguma coisa.

— Sua mãe pediu que eu não deixasse você depenar a geladeira — lembrou Lúcia, acompanhando-o até a cozinha.

— Só vou comer alguma coisa, fazer um lanchinho — respondeu Tomás.

— Além do mais, é melhor emagrecer, pois, quanto mais gordinho, mais o senhor Lucarda vai ficar encarando você.

— Aaaaah, maldita! — gritou ele. — Você tinha que estragar o meu lanchinho?